



AGEAC

ALÉM DOS CONCEITOS

www.ageac.org

PERGUNTAS AO COORDENADOR



TRABALHO PSICOLÓGICO

P.: *No começo não fazemos com todo o coração...*

R.: Não importa! Mas isso vai formando em nós outra força contrária a ele, outra força contrária. Isso, mais a análise constante, fazem com que esta força superior vá ganhando terreno, e a força do Eu vai ficando fraca.

P.: *Oscar, esta tendência que temos, sobretudo as mulheres, na casa ou na associação, de querer controlar tudo, que seja como você crê, ou seja, que as coisas sejam como você acredita que têm que ser... O que é isto psicologicamente?*

R.: Isso é amor próprio e orgulho. Existem mulheres que têm de forma nata o orgulho de ser «a mulher total», então dizem coisas como estas: «Eu controlo meu marido, controlo a comida, controlo a casa, controlo os cachorros, porque tudo o que faço, faço bem».

P.: *Ou pensa que o que faz o outro não está bem, e «o que eu faço é melhor».*

R.: Claro, isso é orgulho.

P.: *O que é que temos que entender para deixar que cada cena ou cada coisa seja como tem que ser?*

R.: Temos que pensar que é preciso que estudar ali os fatores da auto-importância. Então, ao descobrir que nos cremos muito importantes, não somos tão protagonistas. A auto-importância, quando a descobrimos, faz-nos controlar nossa palavra, porque se sempre falamos de nós – normalmente, as pessoas que são assim passam todo o dia falando delas –. Existem mulheres que sempre dizem: «Menos mal que estou aqui, menos mal, porque é este homem que tenho... Menos mal que Deus me fez mulher, porque...!». Essa é a auto-importância. Então a pessoa supervaloriza suas palavras, supervaloriza seus pensamentos. Isso é auto-importância e isso termina no orgulho de ser «mulher total».

P.: *E as pessoas que a rodeiam se dão conta de como é essa pessoa. Essa pessoa, com o tempo, vai ficando só.*

R.: Claro, vai ficando só. Então, é preciso que estudar a auto-importância, o amor próprio. E como tirar a força disso? Através da auto-observação dão conta de que só fala dela mesma, que é perfeccionista, e ninguém é perfeito neste mundo.

PERGUNTAS AO COORDENADOR

**Perguntas realizadas pelos estudantes
ao Coordenador Internacional da AGEAC
Sr. Óscar Uzategui no curso Brasil - 2007**

P.: *Qual é o mecanismo ou a regra para trabalhar o agregado psicológico desde a auto-observação até a morte?*

R.: Para fazer o trabalho psicológico, não podemos colocar parâmetros fixos, porque senão dogmatizamos o Ensino. É por isso que o Mestre não deixou nenhuma regra. Por aí existe uma folha que circulou: «Trabalho para a Dissolução do Eu». Isso nunca foi do Mestre Samael. Pessoalmente, conheço o missionário que fez isso, e ele o inventou, e essa folha anda por aí, mas o Mestre nunca colocou: «Didática para a Dissolução do Eu». Isso é mentira. Assim que se a virem por aí já sabem.

Mas podemos dar umas linhas gerais que funcionam. A primeira arma com a qual temos que trabalhar é: a «auto-observação». Essa temos que usar desde quando nos levantamos da cama. Essa é a primeira coisa. Então, devemos nos dar conta de qual é nosso estado interior ao nos levantarmos da cama. Qual é o estado de nosso corpo físico? Que pensamentos tenho na cabeça? Por quê? Porque se vou começar o dia, tenho que saber, com a auto-observação, qual é meu estado interior. Porque se me levanto mecanicamente e começo a fazer as coisas, e não estou consciente do estado interior que tenho, já vou mal. Já vou mal! Porque vou seguir recebendo impressões, que vão se unindo ao estado equivocado que tenho, e isso vai explodir em qualquer momento do dia.

Então, se eu me levanto, antes de levantar, na cama, com os olhos abertos, fecho-os momentaneamente para me estudar. Então, se estou ansioso,

devo me perguntar por que estou ansioso? Então darei conta: a mente começa a dizer: «É que tenho que ir a tal lugar. Tenho que ir... Tenho que ligar para o fulano... E aquilo lá eu não fiz, e aquilo outro...». Já me dou conta de que tenho o centro intelectual acelerado.

Então, se eu me dou conta disso, tenho que saber: «Ah, ufa, tenho que cuidar da minha cabeça porque estou muito acelerado, e é a cabeça que está deixando o meu centro emocional com ansiedade». Então já tenho que ir com mais auto-observação que o normal.

Ou não tenho nada pendente, mas tive uma experiência astral que me deixou com pena moral. Então já tenho que saber que estou começando o dia com pena moral. Tenho duas opções. Ali mesmo trabalho a pena moral antes de levantar da cama com a análise: «Bom, me vi por lá metido em coisas de luxúria, horríveis». Então tenho que fazer uma análise aí, se tiver tempo!

Então me relaxo e analiso. O que é que eu fazia? Era minha vontade? Aparentemente sim, mas aqui no físico eu o faria? Não! Então é meu subconsciente, que todo mundo tem sujo. Então é normal que eu esteja assim lá, porque são minhas zonas, onde eu ainda não cheguei com minhas análises. Ali ainda não entrou a análise. Então, meus Eus, nesse nível, atuam mecanicamente e não posso controlá-los. De acordo?

Então, o que faço com a tristeza que isso me deixou? Posso fazer o Vi-parita Kharani Mudra e chamo a Mãe Morte ou a Mãe Divina: «RAAAMMM IIIOOO, RAAAMMM IIIOOO, RAAAMMM IIIOOO. Mãe Kundalini, rogo-te que ataques os estados internos inconscientes que me induziram no astral a viver estas cenas de luxúria, e me dê paz interior. Ajuda-me, Mãe Kundalini, ou Mãe Morte, etc.». Então, revivo as cenas, transmuto, e com o mantram KRIM, incendeio aquelas cenas, as queimo: «KRIM, KRIM, KRIM, KRIM...». E depois de queimar aquelas cenas, sigo com a pena aqui, no centro emocional, e agora lhe peço: «Mãe Kundalini, ou Mãe Morte, cura-me o coração, te suplico, cura-me o coração, dá-me paz, dá-me paz interior», e com o mantram KRIM imagino fogo na zona do meu coração, ali onde eu sinto a pena; eu me imagino cheio de fogo.

Então, faço isso várias vezes, umas dez vezes com o KRIM unido à oração, e vejo como estou, se estou melhorzinho já me levanto sem perder a **auto-observação**, e me visto, porque tenho que fazer coisas para a Gnose. Estou esperando o ônibus, e nesse momento eu não me dou conta de que diante de mim tem um pouco de água retida ao lado da calçada, e passa um carro que me molha, me deixa cheio de água suja. Isso é uma impressão, porque somos

P.: *Então, é orgulho?*

R.: Sim, a falta de fé, a falta de confiança no Pai é orgulho, ou pode ser também a auto-suficiência intelectualóide.

P.: *É pretender saber mais que o Pai... É uma forma de ateísmo?*

R.: Sim, claro, o ateísmo, tudo isso faz parte da falta de fé e da falta de confiança no Pai.

P.: *O medo também pode ser um Eu do traço psicológico particular?*

R.: Sim, há pessoas iminentemente medrosas. Têm medo de tudo: Medo de comer, medo de falar, medo de andar, andam tremendo, andam com medo, medo de escolher a roupa..., sempre estão com medo.

P.: *O ateísmo, com o que mais está relacionado?*

R.: O ateísmo é uma segurança da má-vontade em nós. A má-vontade quer nos distanciar do Pai. Então a má-vontade, quando é muito gorda, unida à auto-suficiência, nos faz ateus. Todos os que são ateus são muito violentos. São violentos porque estão cheios de má-vontade contra o divino, contra a Natureza, etc.

P.: *O tema da gula com o medo, de comer muito porque penso que possivelmente no futuro vou passar fome ou tal, pode acontecer o contrário, não querer comer para não engordar muito, por acaso?*

R.: Sim, isso é a anorexia. A anorexia é tudo isto, medos e amor próprio.

P.: *Quando trabalhamos com um Eu observamos todos os efeitos negativos que aquele Eu produz em nós e em nossa vida. Ajuda, neste processo, destruir o Eu se fizermos o contrário daquele Eu? Por exemplo, se não somos generosos e somos egoístas, e nunca fazemos esforços pelos outros, se fizermos conscientemente esforços pelos demais, entendemos melhor aquele Eu, ajuda para entender melhor? Como funciona tudo isto?*

R.: Sim, sim, toda análise que nós façamos sobre tal Eu ajuda a tirar a força desse Eu...

P.: *Mas se fizermos a virtude...*

R.: Sim, começamos fazendo o contrário do Eu, então ele vai perdendo força, vai perdendo, vai perdendo...

sempre fazem isso, no final não o fazem porque lhes vence a preguiça, o tédio, a fadiga. Isso é quando a pessoa sinte-se relaxada em outro momento. Então a pessoa vai revisar. É como aquele que tem tempo de tirar o pó dos livros de uma biblioteca. Nem todos os dias vocês podem fazer isso, verdade? Mas, às vezes, sim. Então pegam aquela escova, tiram o pó e vão limpando. Isso são coisas paralelas ao trabalho psicológico que ajudam a compreender nossa personalidade. Por que fomos formados assim? Que coisas existiram no passado que nos influem agora? Mas isso é outra coisa. Essas são análises retrospectivas que de vez em quando devemos fazer.

P.: *E o medo, entre esses sete, onde devemos colocá-lo então?*

R.: Em todos. Em todos os Eus! Alguém come com gula porque pensa que um dia virá a guerra e não haverá comida para comer: «Tenho que comer para ter reservas». Isso são fantasias.

P.: *É que a pessoa sente-se fraca quando está trabalhando com um agrgado que não terminou de definir, e às vezes temos que insistir, às vezes você tem a sensação de insatisfação. Dei-me conta de que a insatisfação me dá gula também...*

R.: Claro, fome nervosa...

P.: *Sim, essa coisa de dizer: «Tenho que me agarrar em algo para parar um pouco com isso». Então, temos que trabalhar isso, ou seja, tudo ao mesmo tempo?*

R.: Claro, quando tiver insatisfação, o que tem que fazer é deitar e se relaxar e trabalhar o centro emocional-instintivo com a Mãe Morte, que acalme suas emoções e que acalme o centro instintivo.

P.: *As raízes do medo estão relacionadas com a falta de fé?*

R.: No Pai! O medo é falta de fé no Pai!

P.: *A falta de fé é a causa do medo?*

R.: Confiança! Confiança no Pai!

P.: *É ignorância, é o resultado da ignorância e de todos os erros...*

R.: E de querer sempre resolver tudo com a mente, e a mente não resolve nada...

bombardeados por impressões por todas as partes, ainda que estejamos dormindo, debaixo da cama, no banheiro, onde seja, estamos cheios de impressões. Isso é uma impressão desagradável. Então, diz o Mestre: «O primeiro passo para a desintegração do Eu é trabalhar as impressões». Porque o Eu se nutre de impressões não transformadas; ele se nutre disso.

Então, ali onde estou, tenho que fazer o que chamamos na Gnose de «o primeiro choque consciente». Qual é o primeiro choque consciente? Rápido, colocar entre a impressão e minha psique um filtro, porque a impressão está querendo entrar. Eu ponho um filtro, qual é o filtro? A análise imediata do que passou, imediata!

«Bom, assim como estou não posso fazer o que ia fazer». Rápido, tenho que dizer:

«De nada serve protestar, porque com isso não vou resolver nada, tenho que obrigatoriamente trocar de roupa e tomar um banho, e se isto passou foi por algo».

Porque a mente vai começar a dizer rapidamente: «Agora perdeu o ônibus, agora vai chegar tarde. Não dá mais, perdeu o que ia fazer...». «Tudo bem, o Pai não quer que eu faça isto hoje por algo».

Então, eu analiso rapidamente desta maneira e ponho o filtro com uma análise imediata. Vou para a casa e tomo banho, e antes de me vestir, outra vez, tomo uns minutos para ver como estão os centros. Nos centros, no intelectual, ainda que eu tenha colocado o filtro, existem algumas pequenas impressões que vazaram e tocaram certos estados. Então aí está a mente dizendo:

«Maldito o sujeito que me jogou água com o carro. Tomara que morra hoje...». «Ah, caramba, aí está! O centro intelectual está louco». E depois passo ao centro emocional para ver o que existe.

«Ah, o centro emocional também foi atingido». E treme uma das mãos... é que eu queria pegá-lo! O centro motor também está mal. E o centro instintivo? Quer sair correndo atrás dele. E o centro sexual? Está quieto, porque não teve nada a ver com a impressão sexual.

Então, se eu quero fazer um trabalho sobre isso, tenho outra vez que relaxar e começar por cada centro:

«Mãe Kundalini, Mãe Santíssima, Ísis. RAAAMMM IIIIOOO, RAAAMMM IIIIOOO..., Combate, Mãe Kundalini, estes estados na mente, estes estados que tenho aqui no centro emocional». Antes de invocar à Divina Mãe, eu fiz uma pequena análise. Então, na análise, digo a mim mesmo: «Bom, isto

não aconteceu só comigo, aconteceu com muita gente. Esse homem está tão adormecido que não se deu conta de que seu carro me fez isto. Jesus Cristo passou por coisas piores que eu, porque o apedrejaram, lhe cuspiram, o crucificaram, e então? E então? Por que eu sou tão importante? Poderia ter acontecido comigo ou com ele mesmo, o sujeito do carro, em outro momento, poderia ter acontecido o mesmo. Assim, me deixa em paz – dizemos à mente – deixa-me em paz! O seu discurso é pura violência, não me interessa. Eu não ganho nada com isso. Não sei onde esse homem mora, e se soubesse o que ia ganhar insultando-o? Provocar outras reações piores. Isto o Pai fez a mim para que eu compreenda que tenho que ser humilde»...

Então, eu já fiz esta análise no centro intelectual. Logo, claro, invoco a Mãe Divina ou a Mãe Morte, e feita a análise tenho compreendido: que nada vou ganhar, que o que passou, passou, que é uma coisa que podia acontecer com qualquer pessoa, que Jesus Cristo passou por coisas piores que eu. Quando já compreendi isso já não há mais nada a compreender. Então, eu invoco a Mãe Morte, e esses pensamentos, eu peço a ela que queime de mim. Então, pronuncio o mantram: «KRIIIIMM, KRIIIIMM, KRIIIIMM...», e imagino fogo na mente, fogo na cabeça.

Logo, passo ao estado emocional para analisá-lo. Então, vejo que existe uma emoção. Isso é má vontade, tenho má vontade. Existem Eus de má vontade no centro emocional e no centro motor, porque quero bater na pessoa.

O que mais tenho que compreender aí? Nada mais... Ah! O amor próprio está ferido, e diz: «Por que eu? Por que estas coisas acontecem comigo? Por que só comigo?». Mentira. Temos que dizer ao Eu: «Não é só com você, acontece com todo mundo. E não é para morrer, você não tem câncer, nem tuberculose, já está bem, você já se lavou e trocou de roupa. Qual é o problema? Onde está o problema?». «Mas comigo, comigo, comigo»... «Não! Não, cale-se, cale-se, porque isso é bobeira».

Ao chegar aqui, isso já está entendido. Invoco outra vez a Mãe Divina ou Mãe Morte. Outra vez pronuncio o mantram: «KRIIIIMM, KRIIIIMM...» e rogo que ataque no centro emocional esses estados, e no centro motor, etc. Então, da mesma forma, mande o fogo da Mãe Morte ou da Mãe Kundalini ao centro emocional e ao centro motor.

Depois, quando eu tiver a oportunidade de trabalhar no Arcano, tenho que me lembrar disso. Então, quais foram os Eus que se feriram com essa impressão? A ira, o orgulho, o amor próprio, a auto-consideração e Eus de má vontade. Assim, em um trabalho de Alquimia, há um bom trabalho a fazer.

como uma luzinha que vai olhando a máquina... «Ah, aqui, no centro motor, uhhh...!, queria golpear as paredes». Significa que também está forte.

P.: *Sim, isso me ocorre no mental...*

R.: Claro, aí você tem que parar a máquina e analisar cada um desses pensamentos negativos, analisá-los. É como uma bala embrulhada, temos que tirar o papel devagarzinho, e ver a bala, e tirá-la.

P.: *E a Mãe Divina?*

R.: Trabalhá-lo depois.

P.: *O traço psicológico particular de cada um realmente está relacionado com estes três Eus básicos que falamos: o medo, o amor próprio...?*

R.: Não, o traço psicológico é algo que cada um tem que descobrir no caminho. Isso se descobre depois de um tempo de auto-observação. Não pretendam descobri-lo assim, da noite para o dia, porque o traço psicológico está camuflado. Eu acreditava durante muitos anos que meu traço psicológico era «tal» e depois me dei conta de que era a ira.

P.: *Mas sempre é um Eu que te afeta muito e está na base de todas as tuas reações...*

R.: Não, é o Eu mais forte dentre todos os Eus que você tem, e esse se alimenta muito da nossa energia, da Consciência.

P.: *O traço psicológico particular de cada um deve ser um dos sete pecados capitais?*

R.: É um dos sete pecados capitais.

P.: *Não pode ser outro?*

R.: Não.

P.: *E quando analisamos um Eu que vimos em um momento preciso, não devemos também fazer um trabalho de lembrar quando vimos pela primeira vez este estado?*

R.: Não, isso é quando vocês querem e têm tempo de fazer uma análise retrospectiva, para colocar mais adentro a informação da compreensão que vocês já têm, mas isso é em separado. Se para trabalhar um Ego vocês

P.: *E como se vê a curiosidade no emocional? Que manifestações tem?*

R.: Uma alegria malsã: «Eu vi..., vi que fulano beijava fulana por uma fresta». Centro intelectual e centro emocional.

P.: *E nos outros, o motor-instintivo-sexual?*

R.: Ah, com os movimentos que fazemos, e no sexual produzindo sensações sexuais.

P.: *Mas a curiosidade, não sei, uma curiosidade de outro tipo, que não seja sexual, uma curiosidade por uma conversa que está tendo alguém, que relação tem com os centros?*

R.: Depende. Por exemplo, se eu tenho curiosidade de saber o que Miguel disse a Josefina, isso é uma curiosidade que está ali no centro intelectual e uma curiosidade que está no centro emocional. «Quero saber, quero saber. O que terá dito?». Está aqui (no centro intelectual) e no centro emocional. Não tem nada a ver com o sexual...

P.: *Exato, é o que eu queria saber, existem vezes que não tem a ver...*

R.: Mas existem um, dois ou três centros que estão tocados, sempre.

P.: *Então todos os Eus comem da energia sexual?*

R.: Não. A máquina humana se alimenta do centro sexual. Nem todos os Eus comem do centro sexual. Mas é verdade que os Eus foram formados pelo mau uso do centro sexual, pela fornicação.

P.: *Por exemplo, o orgulho poderia se manifestar no centro sexual. Há pessoas da rua, bom, é do conhecimento público, que há homens que são orgulhosos, e dizem: «Eu tenho mais que você».*

R.: Sim, tudo isso é orgulho sexual.

P.: *Às vezes o Ego está tão forte que você já não vê mais nada, que está aí batendo e você já não agüenta mais... Uma prática para sair daí?*

R.: Temos que parar a máquina humana e relaxar, inalar e exalar, vocalizar um momento, e logo, com a lupa da auto-observação, ver quais são os centros mais afetados. Onde estou mais afetado? No centro emocional: «Tenho vontade de chorar, tenho vontade de suicidar». Ah, se a coisa está assim é porque é o centro mais afetado. Então, temos que seguir olhando com a lupa,

«Mãe Morte, Mãe Kundalini, ataque em minha mente os Eus de ira, de amor próprio, de auto-consideração. KRIM, KRIM, KRIM...».

Logo passarei a: «Mãe Kundalini, em meu centro emocional, ataque os agregados de orgulho, de amor próprio e de vingança – porque aquilo era vingança –. KRIM, KRIM, KRIM...»

«Mãe Kundalini, destrua em meu centro motor os Eus de amor próprio, de auto-consideração, etc. – aqueles que me faziam a mão tremer–. KRIM, KRIM, KRIM...».

E, se é possível, logo peçam: «Mãe Kundalini, destrua todos esses Eus que estavam presentes nesta impressão (e lembrem-se do evento e coloquem fogo em tudo). KRIM, KRIM, KRIM...»

Então, esse é o trabalho!

P.: *É preciso fazer de forma independente ou se podem fazer os três centros ao mesmo tempo?*

R.: Se se quer fazer um bom trabalho, temos que fazer os centros independentemente, mas vocês devem carregar um caderninho de anotações psicológicas. Por quê? Porque nem sempre depois de que o carro lhes tenha molhado com água suja, vocês terão a oportunidade de ir para casa e se relaxar, e sim terão que seguir com a roupa suja porque é algo urgente, e se não anotarem vocês vão esquecer. Por outro lado, no caderno tudo fica fresquinho. Num caderninho pode-se escrever tudo: ira, amor próprio... Vocês os estão vendo, porque estão todos querendo sair pela janela (os sentidos): ira, amor próprio, vingança, orgulho. E vocês guardam tudo aquilo no caderninho e ao voltar para casa vocês fazem o trabalho.

P.: *Qual é a diferença entre o amor próprio, o orgulho, a vaidade, a auto-consideração e a auto-importância?*

R.: O amor próprio está na base de todos os Eus. Todos os Eus têm amor próprio. Então, o amor próprio é irmão da auto-consideração, são os mesmos. E o amor próprio, a auto-consideração e a auto-importância são os mesmos. Um homem é luxurioso porque tem amor próprio, quer que o reconheçam como macho, e isso lhe dá, segundo ele, importância, auto-importância, e se auto-considera, porque ele se considera muito macho. Então, amor próprio, auto-consideração e auto-importância estão juntos, são o mesmo Eu.

O orgulho! O orgulho é interior. Orgulho e soberba são interiores. É afirmar-se egoicamente. A vaidade é exterior. Por exemplo, diz o Mestre: «Por

orgulho alguém gostaria de ter um carro dos anos trinta. Por orgulho, e dizer aos amigos: “Eu sou um dos poucos que têm ainda um Austin de 1928, o mesmo que usava Al Capone, eu tenho o mesmo. Por orgulho! Mas por vaidade não andaríamos na rua com isso, porque preferimos ir com uma Mercedes Benz de 2005”. Então, o orgulho é interior e a vaidade é exterior. Essa é a diferença.

P.: *E o amor próprio tem relação com o orgulho e a vaidade?*

R.: Claro, o amor próprio, a auto-consideração e a auto-importância estão em todos os Eus, todos! Por isso o comilão gosta de selecionar a comida, porque tem auto-importância. Então, às vezes o comilão diz: «Eu como muita carne porque tenho que cuidar da minha saúde, e a carne para mim tem que ser que bem macia. Porque, claro, quando a pessoa tem que mastigar a carne a mandíbula fica muito grande e eu não quero ter estas coisas gordas. Então, para mim tem que ser carne sem gordura, porque tenho que cuidar do colesterol». Tudo isto é auto-importância, amor próprio, auto-consideração, e tudo para ele comer sozinho um quilo de carne. A auto-importância está aí e diz: «Sim, porque tenho que me cuidar». O orgulho: «Sim, porque não é qualquer um que vai me fazer comer; eu escolho o que como». E vaidade porque essa pessoa sempre tem na geladeira alimentos para mostrar aos amigos: «Sim, olha, esta é entrecot, esta é carne argentina que eu faço vir de avião toda semana, esta outra é tal...». Essa é a vaidade com a gula.

P.: *Então o orgulho é sempre interior?*

R.: O orgulho sempre é interior. Por exemplo, o orgulho pode se manifestar quando alguém entra e cumprimenta todo mundo, menos a mim. Então, o primeiro que se fere é o amor próprio e minha auto-importância – notem que estes Eus estão em todas as partes –, e esses dois, feridos, tocam meu orgulho: «Mas como é que não me cumprimenta? Mas será possível? Este ignorante... Sim, eu sou o doutor tal..., e o diretor daqui... Cumprimenta o porteiro, e a mim, que sou o Sr. “tal”, especialista em “tal”, astronauta e todo tipo de coisa, não me cumprimenta. Mas isto não vai ficar assim!». Esse é o orgulho, o orgulho.

P.: *E outra coisa: um Eu pode ter várias manifestações. Por exemplo, a gula pode estar relacionada com o amor próprio, com a luxúria também...*

R.: Todos os Eus! Sim, às vezes a gula e a luxúria estão conectadas, muitas vezes...

R.: O centro instintivo vocês podem analisar com a auto-observação, cheguem a descobri-lo para poder controlá-lo. Então, claro, quando alguém está em auto-observação. Por exemplo, eu estou comendo, e quando estou comendo às vezes alguém diz: «Comi com os olhos e a fome se foi». Esse é o centro instintivo que está desequilibrado. Então viu a comida e o Eu da gula abriu a boca enorme e quis comer tudo, com prato e tudo. Claro, ele se saciou mentalmente, ele se saciou, e me deixou (aqui no estômago) sem fome. A fome se foi. Então isto indica que o centro instintivo está louco, que comi com os olhos. Isso não é correto. Temos que trabalhar os Eus da gula no centro instintivo com a Divina Mãe.

P.: *Como se relacionam os Eus da luxúria e da gula?*

R.: Isso tem muitas raízes. Às vezes a pessoa que tem Eus de gula mesclados com a luxúria é uma pessoa que gosta de fazer disparates. Por exemplo, beber antes de fornicar. Isso faz parte da gula mesclada com a luxúria. Existem pessoas que gostam das orgias, e nas orgias há comida, há luxúria, etc. Mas uma pessoa normalóide («normal», entre aspas, por isso digo normalóide, a normalidade do humanóide), ao observar Eus de gula na luxúria, se dá conta de que o Eu utiliza a mente para querer mesclar coisas no ato sexual que não se correspondem com o ato sexual.

P.: *Você nos falou da gula no centro instintivo, no centro intelectual, mas como se manifesta no centro motor?*

R.: Comendo rápido. Muitas pessoas comem rápido, e isso é a gula. Comem rápido para comer mais, segundo eles.

P.: *Todos os Eus se manifestam em todos os centros? Porque existem alguns Eus que não sei ver. Por exemplo, no centro instintivo ou no centro emocional.*

R.: Por exemplo, qual Eu?

P.: *A curiosidade.*

R.: Isso é intelectual. O Eu da curiosidade é do centro intelectual.

P.: *Mas pode se conectar o mesmo Eu com o centro emocional...?*

R.: Sim, conecta-se do intelectual ao emocional. Conecta.

P.: *A auto-importância, podemos dizer que é um Ego raiz de muitos Egos?*

R.: Está em todos os Egos. Olhem, a auto-importância, o amor próprio, estão na base de todos os Eus. E o medo, e o medo! Todos estes três são o adubo dos Eus. Sabem o que é adubo? Aquilo que se põe nas plantas para que cresçam.

P.: *Então é preciso analisar o amor próprio diretamente? Porque às vezes, por exemplo, para mim é como um muro. Depois de um tempo vendo a situação, já não posso ver mais. Não entendo de onde procede um estado...*

R.: Claro, porque já não pode analisar mais, então ataca o amor próprio. Mas quando atacarem o amor próprio vocês têm que ter cuidado porque vai acontecer de tudo: depressão, vontade de morrer, etc. Tudo isso o amor próprio produz. Quando alguém ataca o amor próprio, surgem coisas monstruosas.

P.: *Pode-se analisar, por exemplo, como entender melhor o amor próprio, ou a auto-importância, ou outros Egos, enquanto analisa outro Eu, ver que parte da auto-importância existe neste Eu?*

R.: Sim, claro, isso faz parte da análise.

P.: *O Mestre recomenda trabalhar sobre dois ou três Egos durante um tempo. Por exemplo, alguém está trabalhando a ira, a gula e a luxúria. Como você trabalharia ou como extrairia a informação para trabalhar estes agregados?*

R.: Um por um, vou analisando nos centros da máquina humana...

P.: *Digamos, através da retrospectiva, como se manifestaram ao longo do dia?*

R.: Claro, se estou levando uma didática sobre estes três Eus, com a auto-observação e meu caderninho de anotações vou recopilando informações a cada dia sobre esses três, e quando fizer meu relaxamento e minha prática com a Mãe Divina ou a Mãe Morte, já tenho um manual onde tenho que olhar para trabalhar. Então já começo com o centro intelectual... Primeiro analiso. Revivo a cena e vejo tudo o que se moveu, e logo analiso no centro intelectual, devagar, com paciência, e logo no centro emocional, e logo no centro motor, no centro instintivo... E logo outra parte do outro Ego. O mesmo, o mesmo, com cada um faço o mesmo.

P.: *Como se pode equilibrar ou observar o centro instintivo? É um centro que não se pode observar muito bem, é muito difícil.*

P.: *E quando queremos fazer um trabalho sobre estes Eus que estão juntos, podemos pedir à Mãe Morte: «Por favor, destrua meu Eu da gula relacionado com a cólera ou com a luxúria...?». É preciso mais?*

R.: Sim, claro, mas é preciso que trabalhar com os dois. Primeiro a gula, e logo “tal”... Claro que sim.

P.: *A má vontade tem relação também com o amor próprio?*

R.: Sim, a má vontade é a reação do amor próprio ferido e do orgulho ferido.

P.: *Você pode me dar outro exemplo da gula que não esteja relacionada com a comida?*

R.: Sim, existe gula em muitas coisas. A gula trabalha com o centro instintivo. Então, existem pessoas que o Eu obriga, depois da comida, a fumar um cigarro, se não não se sentem bem. Existem pessoas que para ir ao toilette (banheiro) têm que fumar, senão o intestino não funciona. Existem pessoas que, quando, por exemplo, estão em uma crise de solidão, ou o que seja, têm que tomar um uísque ou um chocolate. A gula está muito relacionada com o centro instintivo. A gula, muitas vezes, por desequilíbrio do centro instintivo, se nutre. Por exemplo, quando alguém se levanta às três da manhã tendo jantado bem, e porque um Eu nos pede, às três da manhã, um espaguete, nos colocamos a fazer um espaguete às três da manhã, o comemos e vamos dormir contentes, isso é gula porque antes tinha jantado bem.

P.: *Também se pode chamar tudo isto de prazer, mais do que a pessoa necessita?*

R.: Sim, são prazeres egóicos. Exato, são prazeres egóicos.

P.: *A gula também está relacionada com estas tradições de cozinha, e não necessariamente por comer muito, mas por ser muito voluptuosa.*

R.: Sim, muito voluptuosa, tudo isto é da gula. Na Europa, as pessoas não se dão conta de que alimentam muito a gula, mas têm uma desculpa. Então comem no café-da-manhã um croissant com café com leite. Às dez da manhã dizem que têm que parar o trabalho porque têm que comer algo e comem um trabuco (um sanduíche) cheio de presunto, queijo, bacon e tal. Ao meio dia chegam em casa e comem um prato ou dois de comida, à tarde, às quatro,

chamam isso de lanche, dois donuts com outro café com leite ou coca-cola. Às sete ou às oito da noite, a janta, e antes de ir dormir comem, sei lá, um sorvete. Tudo isso é gula, porque o ser humano necessita de três refeições por dia, mas nos enchemos de um montão de adornos que não são reais, e isso são caprichos. Mas os caprichos são desvios do centro instintivo.

P.: *Pode existir gula intelectual?*

R.: Gula intelectual? Sim, querer sempre ler, ler e ler para acumular dados.

P.: *Então o centro emocional também, porque quem gosta de ler ou ver televisão e sentir sempre vontade de chorar por causa do que está lendo ou vendo, isso também pode ser gula?*

R.: Sim, mas isso não é gula, isso é desequilíbrio emocional.

P.: *Mas, por exemplo, quando as mulheres estão grávidas, desejam muitas coisas. Isso é por desordem de hábitos ou por gula?*

R.: Depende, porque às vezes acontece que há um problema com a mulher grávida. O bebê que está se formando está comendo muitas coisas da mãe, vive da mãe. Então come ferro aqui, cálcio ali, come isto, come tudo, e à mulher, inconscientemente, o corpo começa a dizer: «Eh, eh, estou ficando sem isto...». Então lhe dão desejos de coisas que ela não comia antes. Por quê? Porque essas reservas ela tinha e o corpo não pedia, por isso são coisas que normalmente não comia, porque são coisas relacionadas com elementos que estão começando a lhe faltar. Então, nem sempre é gula. Claro, uma mulher que não se cuida pode perder os dentes e tudo. Há mulheres que depois da gravidez ficam com os dentes em mal estado porque o bebê chupou todo o cálcio.

P.: *Então podemos dizer que existe gula a partir do momento em que comemos e não temos fome...*

R.: Exato, mas criamos um mecanismo que nos faz sentir uma fome artificial, que não é real.

P.: *Sim, existem pessoas que comem sempre o mesmo alimento, que só tomam leite ou outra coisa...*

R.: Sim, caprichos. Tudo isto entra na desordem do centro instintivo e da gula, ou porque tem a cabeça lavada com umas normas que colocou ali e crê que fazem bem, mas no fundo fazem mal, porque o corpo necessita de variedade.

P.: *Nos países ricos há um problema com as jovens que se chama anorexia, e a bulimia também. Isto é do Eu da gula ou é outra coisa?*

R.: Aí entram vários Eus. A anorexia tem muito a ver com o amor próprio. A pessoa quer se ver, em sua psique, perfeita, que não tenha nenhum grama de celulite, e isso é amor próprio muito forte. Comumente, as pessoas anoréxicas têm muito amor próprio, auto-consideração, muitíssima. E isso acontece às vezes porque a essas pessoas lhes faltou afeto. Então têm um complexo de inferioridade que tratam de superar com um complexo de superioridade. Então dizem: «Eu não sou carnívora como vocês, que comem carne. Eu não sou comilona como vocês. Vocês estão todos gordos. Eu sou magra e perfeita». Neste caso, tudo isso tem a ver com auto-consideração, amor próprio e ressentimento. Em todos os que têm anorexia há ressentimento contra outras pessoas ou contra a sociedade, e aí há falta de afeto. Sempre há falta de afeto nos anoréxicos.

P.: *Há angústia por trás, não?*

R.: Esse é o resultado. O resultado é a angústia.

P.: *Esses desejos da mulher grávida podem se manifestar em nós correntemente para a seleção de comidas? Por exemplo, hoje me apetece comer arroz. Talvez seja meu corpo que peça isto, ou é um desejo?*

R.: Às vezes pode acontecer que nós, inconscientemente, queiramos tal coisa ainda que não a tenhamos, e nos resignamos, mas às vezes o corpo está avisando de suas necessidades. Por exemplo – vou falar de mim –, eu sou hipertenso, não crônico, mas às vezes minha hipertensão é por estresse. Então eu notava que eu gostava muito, muito de cebola crua, e as pessoas não gostam disso. Então investiguei, e resulta que a cebola é boa para a hipertensão. Neste caso, o corpo estava me dizendo: «come, come cebola». Eu não gosto de frutas, mas tem uma fruta que eu não perdô, que é a banana, e resulta que a banana tem potássio, e é bom para a hipertensão. Então, às vezes, o corpo avisa de suas necessidades.